NORTE/SUL



Ana Dinis
Diretora-geral da ATP

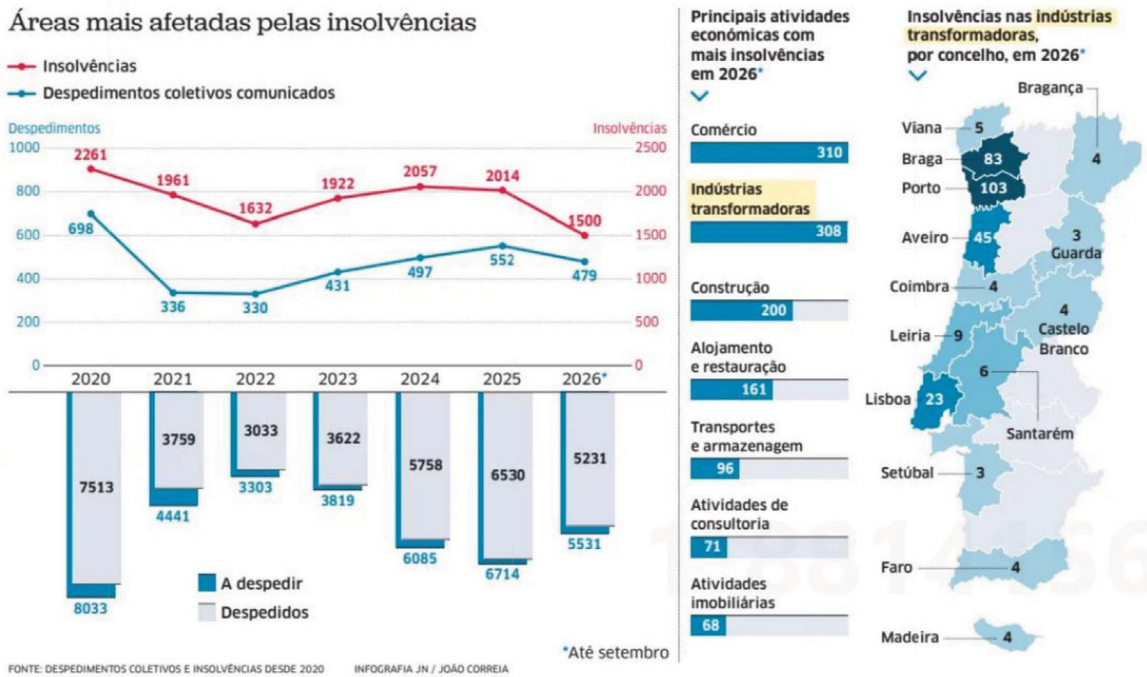
"A ATP defende uma política industrial mais coerente e orientada para a competitividade"



Luís M. Ribeiro
Presidente da AEP

"É [preciso] criar condições para que as empresas possam investir e aumentar a produtividade"

Indústria perde mais de 24 mil postos de trabalho desde janeiro de 2025



FONTE: DESPEDIMENTOS COLETIVOS E INSOLVÊNCIAS DESDE 2020 INFOGRAFIA JN / JOÃO CORREIA

Até outubro, registaram-se quase 500 despedimentos coletivos e 1500 insolvências em todos os setores

Diana Morais Ferreira
diana.ferreira@jn.pt

EMPREGO A indústria do Norte perdeu mais de 24 mil postos de trabalho desde o início de 2025, sendo que a sangria, sobretudo nos setores têxtil e automóvel, já começou na segunda metade de 2023. Esta crise tem um peso significativo, já que se trata do principal ramo de atividade da região. As estatísticas dos despedimentos coletivos e das insolvências completam o retrato desse agravamento. Até setembro, já foram dispensadas mais de cinco mil pessoas em todo o país, grande parte no setor industrial. Além disso, houve 1500 pedidos de insolvência por empresas, 308 da indústria transformadora.

Apesar de o emprego ter aumentado de uma forma global no Norte do país, com um aumento de 21,5 mil postos de trabalho entre o primeiro trimestre de 2025 e o primeiro trimestre de 2026 (em particular na construção e nos serviços), foram dispensados 20,2 mil trabalhadores nas indústrias transformadoras nesse período, revelam os dados da comissão de coordenação e desenvolvimento regional do Norte (CCDR-N). O corte de trabalhadores continuou no segundo trimestre deste ano, com a indústria a perder mais 3,5 mil pessoas.

"A indústria da Região Norte, enquanto um dos principais setores empregadores e motores das exportações nacionais, enfrenta atualmente um conjunto de dificuldades que resulta, sobretudo, de um contexto de elevada incerteza internacional, da pressão persistente sobre os custos de produção e do agravamento da concorrência internacional, em particular de empresas asiáticas, fatores que condicionam a competitividade e as margens das empresas", explica Luís Miguel Ribeiro, presidente da Associação Empresarial de Portugal (AEP).

O problema já se arrasta há alguns anos, sendo que, em 2023 e 2024, o Norte perdeu mais de 30 mil postos de trabalho. E a sangria continua: o mais recente exemplo de fecho de uma fábrica foi o da ECCO, na Feira, deixando 632 trabalhadores no desemprego.

MAIS APOIOS NECESSÁRIOS

As estatísticas dos despedimentos coletivos confirmam a crise na indústria. Este ano, até ao final de setembro, foram comunicados 479 despedimentos coletivos, tendo sido despedidas mais de cinco mil pessoas. Grande parte dos despedimentos comunicados aconteceu nos setores da indústria transformadora e do comércio. Em apenas nove meses, os números aproximaram-se dos valores registados em todo o ano de 2025, onde foram comunicados 552 despedimentos coletivos e dispensados mais de sete mil trabalhadores. Os números de despedimentos coletivos têm vindo a acelerar desde 2021.

A estes casos, somam-se os pedidos de insolvência por empresas, que atingiram os 1500 nos primeiros nove meses do ano,

SUSPENSÃO

Lay-off apoia com 7536 trabalhadores e aumento é de 100%

Há 7536 trabalhadores de todo o país que estão em lay-off. Em outubro, o recurso a este regime de apoio a empresas em crise para evitar despedimentos duplicou, registando-se um aumento de 100,7% no número de beneficiários de 237 entidades empregadoras, como noticiou ontem o JN. A maioria dos funcionários em lay-off está com o contrato suspenso.

sendo que 308 são da indústria transformadora e 310 do comércio. Os valores acumulados até ao fim do terceiro trimestre já ultrapassam os pedidos registados no período homólogo (1489 pedidos), sendo que, em todo o ano de 2025, foram submetidos 2014 pedidos. "A AEP defende, em primeiro lugar, o reforço dos mecanismos de auxílio às empresas. Importa prever apoios excecionais, temporários e devidamente direcionados para os setores mais expostos à subida dos custos energéticos, como é o caso da indústria, minimizando os seus impactos na atividade e na competitividade empresarial. E, em particular para a indústria, importa reforçar os apoios à internacionalização, à promoção das exportações e à diversificação de mercados, nomeadamente através de incentivos fiscais específicos", defende ainda o líder empresarial Luís Miguel Ribeiro.

REGRAS DESLEAIS

Nos últimos anos, as áreas do têxtil e do automóvel têm enfrentado bastantes problemas. "Uma das principais dificuldades continua a ser o reduzido dinamismo da procura nos principais mercados de destino, nomeadamente Europa e América do Norte", esclarece Ana Dinis.

A diretora da Associação Têxtil e do Vestuário de Portugal (ATP) assinala que o comércio internacional é fundamental para as empresas nacionais, mas a concorrência deve desenvolver-se em condições justas. "A existência de subsídios estatais que distorcem os mercados, de práticas comerciais desleais e de situações de produção assentes na exploração laboral ou no incumprimento de direitos fundamentais cria desequilíbrios que não podem ser ignorados", lamenta a responsável.

O setor do calçado sublinha que a dificuldade "não é exclusivamente portuguesa". "É um problema internacional, que afeta os principais mercados de consumo e coloca enorme pressão sobre as empresas exportadoras".

ENTREVISTA

É preciso diversificar base industrial

Álvaro Santos
Presidente da CCDR-N



O desemprego na indústria aumentou no Norte. A situação preocupa?
São sinais que nos preocupam e que exigem acompanhamento, sobretudo pelo impacto que podem ter nos territórios mais dependentes destas atividades. Mas, enquanto algumas fileiras tradicionais atravessam maiores dificuldades, outras atividades, designadamente as ligadas às máquinas e equipamentos, têm vindo a reforçar a sua presença nos mercados internacionais.

Que impacto é que poderá ter na região?
As mudanças na indústria colocam desafios aos trabalhadores e aos territórios, mas abrem também espaço para novas oportunidades. A resposta passa por antecipar as transformações, apostar na qualificação e garantir que as competências dos trabalhadores acompanham as novas necessidades das empresas e da economia regional.

Que medidas considera necessárias para dinamizar a indústria no Norte?
Em primeiro lugar, modernizar e valorizar as indústrias em que somos fortes. Em segundo, diversificar a nossa base industrial, aproveitando o conhecimento, as competências e a experiência acumulados para desenvolver novas atividades de maior intensidade tecnológica e maior valor acrescentado.

REPORTAGEM

Do colapso da Rohde ao adeus da Ecco: o drama repetido

Santa Maria da Feira Casal ganhou a vida na indústria do calçado, mas enfrenta um segundo despedimento



Alzira Batista e Alberto Couto regressam ao pesadelo do desemprego

POR
Salomão Rodrigues
locais@jn.pt

Alberto Couto e Alzira Batista dedicaram décadas ao setor do calçado em Santa Maria da Feira. Sobreviveram à queda histórica da Rohde em 2009, reergueram-se na Ecco e enfrentam agora um novo despedimento coletivo que deixa 632 trabalhadores sem chão.

"Ainda não me caiu bem a ficha", confessa Alzira Batista, de 54 anos, com a voz embargada pela incredulidade. Ao seu lado, o marido, Alberto Couto, de 59, partilha o mesmo sentimento de choque. Para este casal, o setor do calçado foi a casa onde construíram uma vida inteira. Hoje, porém, a história repete-se com contornos cruéis: depois de terem vivido por dentro o colapso da antiga gigante alemã Rohde, enfrentam o anúncio do encerramento total e definitivo da fábrica da Ecco, em São João de Ver.

A memória de 2009 continua bem viva. Alberto entrou na Rohde em 1994, quando a unidade feirense empregava cerca de 1500 pessoas e era referência na região. "Para mim, foi a melhor empresa onde trabalhei", recorda. Alzira juntou-se um ano depois, mas saiu em 2005 por mútuo acordo, quando percebeu que o seu pavilhão ia fechar.

FILHOS E CRÉDITO

Alberto resistiu até ao fim amargo, em novembro de 2009, quando a insolvência ditou o primeiro lay-off do país, meses de salários em atraso e um sustento reduzido a pouco mais de 200 euros mensais.

Com dois filhos pequenos e os créditos da casa e do carro para pagar, o casal viveu dias de angústia. "Tivemos de ter muito exercício físico e psicológico para conseguirmos dar a volta e que nada faltasse em casa", lembra Alzira.

A tábua de salvação foi a multinacional dinamarquesa Ecco. Alzira entrou em 2006 para a secção de amostras, onde viajou 15 vezes à Dinamarca e sentiu o seu mérito reconhecido. Alberto seguiu-lhe os passos em 2012, após mais de um ano no desemprego.

Durante mais de uma década, foi a estabilidade, até ao anúncio que atira 632 trabalhadores para o desemprego. "Eu sempre tive a ideia de que éramos necessários. Viemos embora com sapatos em cima das mesas para trabalhar", lamenta Alzira.

Desta vez, com a casa paga e os filhos criados, o impacto financeiro imediato é menos asfixiante do que em 2009. Ainda assim, o futuro inquieta. "Não me vejo em casa", garante Alzira, que pondera tirar uma formação em geriatria para deixar as fábricas de vez. Já Alberto, a caminho dos 60 anos, olha para o subsídio de desemprego como uma ponte até à pré-reforma.